

'Na guerra da violência, eu sobrevivi'

Capixabas atingidos por balas perdidas, feridos em acidentes automobilísticos ou vítimas de abuso sexual contam como superaram os traumas da insegurança

LÚCIA GARCIA

Se fosse um hino, o refrão 'We are the champions, my friends', do Queen, poderia ser cantada pelos sobreviventes da violência no Espírito Santo. "Nós somos vencedores, meus amigos", poderiam eles afirmar, como na letra da música.

Superando lesões - físicas ou psicológicas - produzidas pela violência, alguns capixabas afirmam que sentem-se como sobreviventes. Muitos não hesitam em dizer: "somos vítimas da falta de segurança no Estado".

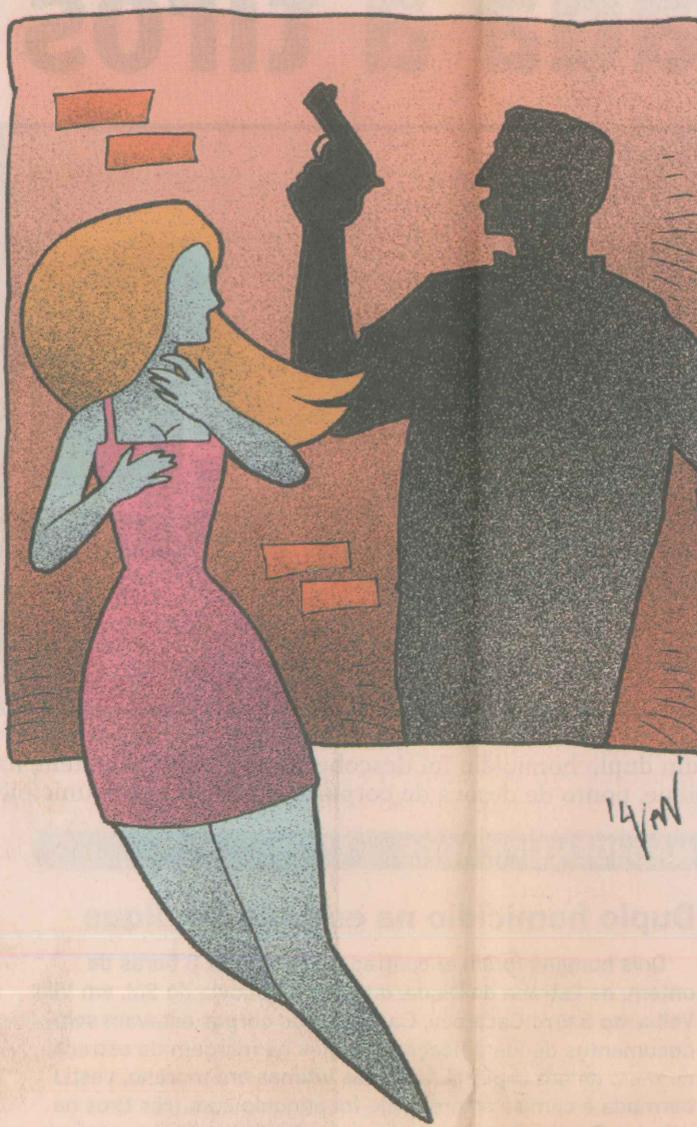
Os golpes da violência são os mais diversos possíveis: algumas pessoas são vítimas de atentados, outras de incidentes no trânsito e muitas da violência sexual, que normalmente deixa suas seqüelas mais profundas no aspecto psicológico das vítimas.

O caminho para a vitória de uma vida voltando ao normalidade, após ser uma vítima da violência, não é considerado uma trilha fácil.

Agravantes

As dificuldades se agravam principalmente para a população de classes econômicas mais baixas, que não encontram junto a maior parte das prefeituras e do Governo do Estado estruturas que possibilitem assistência médica, social e psicológica.

Na Grande Vitória, apenas a prefeitura da capital tem condições de atender às vítimas de violência, em suas unidades de saúde. Nos demais, só alguns postos de saúde prestam aten-



dimento psicológico.

Já nos hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS) não há uma unidade específica que sirva como referência para atender a vítimas de atos violentos no Estado.

Apesar da falta de estrutu-

ra do Estado e de municípios, algumas pessoas conseguem superar os problemas provocados pela violência.

É o caso do funcionário público Arlon Tovatto Moreira, de 35 anos, que teve que abdicar do sonho de pilotar

aviões, após ter sido vítima de atropelamento.

A superação dos traumas também está sendo uma dura realidade para a dona-de-casa Lina Maura Dias do Nascimento, 32, que perdeu parte da arcada dentária depois de ter sido atingida por uma bala perdida.

Amor e atenção

Estas pessoas contrariam a fórmula tradicional, onde especialistas afirmam que somente tratamentos psicológicos seriam eficazes para ajudar a superar estes traumas.

No entanto, psicólogos são categóricos em afirmar: "As vítimas de violência carregam consigo sintomas característicos do trauma da violência como depressão, pânico, insônia e fobia. Terapias alternativas como a ioga ou caminhadas não é a solução para o problema", afirmou o psicólogo Oscar Gama Filho.

Os psicólogos alegam que sem o acompanhamento médico a pessoa dificilmente consegue superar o trauma.

Mas além do acompanhamento psicológico, a vítima de violência também precisa de outra terapia para superar o trauma: o apoio moral de familiares e amigos.

O afeto, a atenção e o conforto espiritual são 'remédios' indispensáveis, principalmente quando o sobrevivente da violência entra na fase de estresse pós-traumático, que geralmente ocorre 15 dias após o fato.

Trauma não tratado pode virar fobia

Procure ajuda de um profissional especializado para superar o trauma. Essa é a recomendação do psicólogo Sérgio Renan Pimentel Martins para os sobreviventes de violência. O médico alerta que se o trauma não for tratado, pode virar uma fobia.

O psicólogo destaca que cada caso é um caso, no tratamento de vítimas de violência. "Existem diferenças no tratamento. Mas a grande maioria das pessoas primeiro entra na fase pós-traumática. É uma reação normal em virtude da agressão sofrida. É uma defesa do organismo", explicou.

Passada essa etapa, a pessoa deve começar a tratar o trauma para não ter seqüelas. "Nessa fase, o trabalho é realizado em cima da questão que ocasionou a violência. Em casos mais graves é necessário ajuda com medicamentos", disse o psicólogo.

Nos casos mais graves, Sérgio alerta que o tratamento com medicação deve ser prescrito por um psiquiatra, profissional especializado para trabalhar com pacientes mais traumatizados.

O importante, ressalta Sér-

Adolescente supera dois crimes sexuais

Um ato de violência não provoca seqüelas apenas nas vítimas diretas. Muitas vezes, famílias inteiras acabam sofrendo as consequências da falta de segurança.

É o caso de uma moradora da Grande Vitória, de 33 anos, passou pelo drama de ter tido uma filha molestada sexualmente por duas vezes. Hoje com um filho de três anos, ela relata: "Fiquei tão traumatizada que vigio minha criança 24 horas por dias. Olho todo o corpo dele, para ver se ele está perfeito".

O primeiro impacto aconteceu quando sua filha tinha apenas quatro anos. "Ela estava com meus familiares em um churrasco, na casa de um vizinho. Na ocasião, o infeliz (um adolescente de 15 anos) levou-a para o seu quarto, sem que ninguém percebesse", lembrou a mulher.

Segundo ela, seus parentes não sentiram falta da menina de imediato. Quem notou que a menina não estava por perto foi a tia da garota.

Mas foi tarde demais. "Minha cunhada viu o adolescente saindo do quarto com a menina pendurada nos om-

menina pendurada nos ombros. Naquele momento, ela estranhou a cena e passou a observar minha filha”.

A tia percebeu marcas que sangue na região genital da criança. “Minha cunhada perguntou a ela o que era aquilo e minha filha apontou para o infeliz, dizendo que ele tinha colocado o dedo nela”, relatou a mulher.

Neste momento houve revolta por parte de todos que estavam no churrasco. As pessoas queriam linchar o adolescente. Ele foi preso, mas acabou solto dias depois.

Segundo a mulher, o adolescente não retornou para o bairro. Alguns anos depois, ela recebeu a informação de que ele teria morrido.

Nova tentativa

No entanto, a violência sexual na família dessa mulher não acabou com o ‘sumiço’ do adolescente. Passados seis anos, o irmão do adolescente – na época um menino de 12 anos – também tentou violentar a menina.

“Ele tentou violentar minha filha da mesma forma que o irmão. Primeiro a chamou para comer peixe. Depois a levou para o quarto. Não aconteceu nada porque chegamos a tempo. Tomei trauma dessa família”, desabafou.

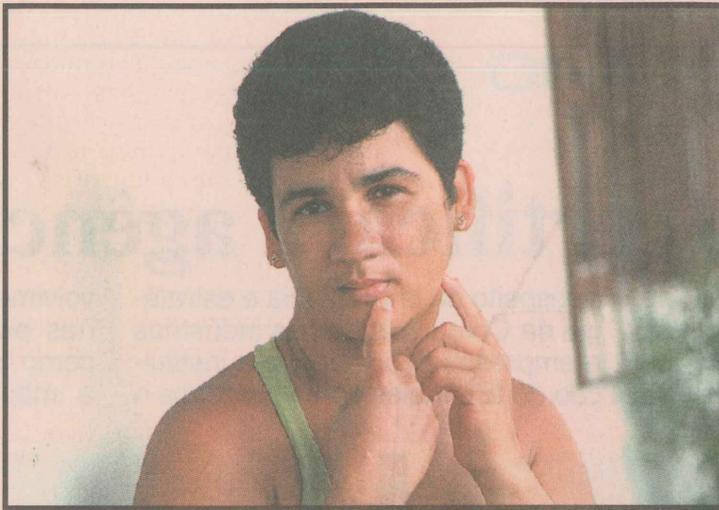
Hoje com 16 anos, a menina transformou-se em uma adolescente estudiosa e discreta. Sem nunca ter tido um namorado, ela jamais fez qualquer tipo de comentário com a mãe sobre a violência sofrida na infância. “Minha filha não toca no assunto”.

tos de saúde prestam aten-

Apesar da falta de estrutu-

abdicar do sonho de pilotar

15 dias após o fato.



Edson Chagas

Bala perdida

Linda perdeu seis dentes e teve parte da língua cortada por um tiro em Vila Velha

‘Sou uma pessoa feliz por estar viva’

“Não morri por milagre. Graças a Deus sobrevivi”. O desabafo é da dona-de-casa Linda Maura Dias do Nascimento, 32 anos. Ela e a irmã Vilma Sônia Batista Costa, 35, são sobreviventes da violência. Ambas foram vítimas de balas perdidas, disparadas por um policial militar, durante uma briga por causa da comemoração de um jogo de futebol, em Vila Velha.

Linda acabou levando um tiro na boca e Vilma outro de raspão, perto do coração. O drama das irmãs ocorreu no dia 30 de maio do ano passado, em frente à casa delas, no bairro Boa Vista I.

A dona-de-casa foi a que teve mais seqüelas: ficou dois meses tomando sopa com canudo, teve um pedaço da língua cortada e está sem seis dentes. Mas apesar de tudo ter acontecido há menos de um ano, ela afirma:

“Só quando eu lembro me dá tristeza e vontade de chorar. O que me revolta é o fato do policial não ter me ajudado em nada, nem uma palavra amiga ele deu”.

Desempregada, Linda não teve como pagar um tratamento dentário e ainda sente dores em um dos dentes atingidos pela bala perdida. Mas, ela afirma que todo o sofrimento está sendo superado devido à ajuda que recebe de seus familiares.

“Quase não sorrio com vergonha dos meus dentes. Mas ainda assim supero tudo porque tenho o carinho dos meus filhos, marido, irmãos, pais e amigos que me ajudam muito na recuperação”, contou, com brilho nos olhos.

Ela acredita que talvez supere definitivamente o trauma com o passar do tempo: “Só tem nove meses que fui baleada. Acredito que o tempo e Deus me farão esquecer tudo o que vivi. Mas já sou uma pessoa feliz por estar viva e com saúde”.

Mesmo com dizendo-se feliz, Linda conta que um fato do drama vivido a deixa apreensiva. Após gastar cerca de R\$ 1 mil no tratamento, ela não ter mais condições financeiras de arcar com as despesas para sua recuperação.

Sonho termina sob rodas de um Fusca

Arlon, que hoje tem 35 anos, sonhava ser piloto de avião. Mas por ter sido atropelado quando tinha apenas 11 anos, ele não conseguiu tornar realidade seu desejo. Atualmente trabalhando como funcionário público, Arlon desabafa: “Não digo que o atropelamento acabou com a minha vida porque sou feliz. Mas fui obrigado a desistir do meu sonho de infância”.

Arlon Tovatto Moreira é mais um sobrevivente da violência. Em 1978, quando tinha

11 anos, ele saía da escola e ao atravessar um rua acabou atropelado por um Fusca.

“Tinha parado na calçada. Um motorista de uma Kombi parou o veículo e fez sinal para eu atravessar. Estava passando quando um Fusca cortou a Kombi e me atropelou de frente”, lembrou Arlon.

Por sorte, Arlon só teve o braço direito quebrado. Mas, o atropelamento causou-lhe seqüelas psicológicas durante a adolescência, além de alterar sua história de vida.

“Perdi as articulações da mão. Por este motivo tive que desistir de ser piloto, pois não passei no exame médico. Com isso, acabei me tornando um adolescente rebelde, porque fiquei sem objetivo na vida”, desabafou Arlon.

Por conta do atropelamento, Arlon durante três meses teve um retardamento mental o que atrapalhou a sua rotina escolar. “Quase fiquei reprovado. Tudo porque não aceitava as limitações físicas causadas pela violência que sofri”, lembrou Arlon.

Passado o período de rebeldia, com 21 anos e ainda com esperanças de ser piloto, Arlon entrou na Marinha Mercante. Ele chegou a pilotar navios, mas não era o que queria. “Era uma atividade muito pacata. O que eu queria mesmo era sentir a emoção de pilotar avião de guerra”, lamentou Arlon.

Poucos anos depois, Arlon passou em um concurso público e largou a Marinha Mercante. Hoje, ele não esqueceu totalmente do atropelamento, mas agradece a Deus por ainda estar vivo.

“Acredito em Deus e se estou vivo devo a ele. Aceitei o meu destino porque Deus me ajudou a sobreviver à violência”, enfatizou Arlon.

O importante, ressalta Sérgio, é a vítima se tratar. “Dependendo da forma como a situação traumática afeta o lado pessoal do paciente, pode-se desencadear uma fobia. Por isso é muito importante o acompanhamento psicológico”, orientou o especialista.

Segundo ele, o trauma tende a acabar com o tempo, mas a fobia deixa marcas na pessoa para sempre. O pior, explica Sérgio, é que a vítima lida com esse medo todos os dias. É o caso de quem sofreu acidente de trânsito.

“Algumas pessoas acabam tendo fobia de dirigir ou de simplesmente passear de carro”, exemplificou Sérgio.

Especialidades

O psicólogo Sérgio enfatiza ainda que dependendo do tipo de violência sofrida, a pessoa deve procurar profissionais especializados. É o caso das vítimas de estupro.

Nesse caso, o ideal seria procurar ajuda no Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis), no Hospital das Clínicas, em Maruípe, Vitória.

Nas situações de tratamento de criança vítima da violência, o ideal seria procurar um psicopedagogo.

Em consultórios médicos, as vítimas de violência também podem encontrar na hipnose uma maneira para superar o trauma vivido.

Usada como método alternativo ao uso de medicamentos, a hipnose está tendo excelentes resultados, afirma o psicólogo e hipnomoterapeuta Oscar Gama Filho.

TERAPIAS

Veja onde buscar ajuda

Em Vitória: Com exceção das Unidades de Saúde dos bairros Resistência e Santa Teresa, o atendimento psicológico é fornecido nas demais 22 unidades e nos cinco Centros de Referência de Saúde.

Em Vila Velha: No Hospital da Mulher, na Rua Fluviópolis, Cobilândia. Telefone: 3226-1681. E no Posto de Atendimento de Coqueiral de Itaparica, na Rua Ataibaia, em Coqueiral de Itaparica. Telefone: 33819033.

Na Serra: Na Unidade de Saúde da Serra sede, na Rua Maestro Cícero. Telefone: 3251-1722.

Em Cariacica: No Centro de Saúde de Jardim América, Rua Nicarágua, Jardim América. Telefone: 3226-0471.

* Em Viana, a prefeitura do município ainda está implantando programa de atendimento às vítimas de violência, mas atualmente não há onde solicitar acompanhamento.